

Atos

Rejeitado em Jerusalém! (22:30—23:15)

Jesus estava proferindo Seu último discurso público no templo. Perto do encerramento, Ele parou e olhou para Jerusalém e seus habitantes. Então, com o coração pesado, disse adeus à cidade que O rejeitara (Mateus 23:37–39)¹.

Por volta do ano 1.000 a.C., o rei Davi capturou Jerusalém (Jebus), tornando-a a capital do seu reino. Ele levou a arca para lá, e seu filho Salomão, anos depois, construiu ali o templo. Jerusalém ficou sendo conhecida pelos israelitas como “a cidade de Deus”. Depois da destruição de Jerusalém pelos babilônios, em 586 a.C., os judeus em cativeiro prantearam pela cidade. Assim que foi possível, a reconstruíram. Durante mil anos, Jerusalém foi o centro da vida religiosa, social e política do povo judeu. Devido à constante rebelião do povo contra Deus, Jesus anunciou que seus dias como cidade santa de Deus estavam contados. Esta lição é sobre as últimas oportunidades de Jerusalém continuar fazendo parte dos planos e propósitos de Deus.

A Bíblia ensina que Jeová é um Deus paciente, mas que Sua paciência tinha um limite. Ele toleraria desobediência somente por um tempo. Então, disse Ele: “Chega! Daqui vocês não passam!” Nesta lição, veremos alguns dos últimos acontecimentos que fizeram Deus dizer: “Chega!”

— para a cidade de Jerusalém.

UM SINÉDRIO DIVIDIDO (22:30—23:10)

O comandante das forças ocupacionais romanas em Jerusalém estava por um fio: um cidadão romano estava sob sua custódia; era contra a lei romana prender um cidadão romano sem informar-lhe qual era sua acusação, mas ele não fazia idéia do que o prisioneiro cometera de errado. Já havia feito três tentativas para descobrir a verdade: enquanto livrava o homem da multidão, perguntou aos amotinadores qual era o problema, mas ninguém parecia saber. Deu ao prisioneiro permissão para falar à multidão, mas permaneceu sem saber depois do discurso. Quando começou a açoitá-lo para arrancar-lhe a verdade, o homem surpreendeu os oficiais informando-lhes que era cidadão romano.

O oficial deve ter passado a noite acordado, tentando decidir qual curso de ação tomar. Pela manhã, pensou saber qual seria a solução. Uma vez que a origem do conflito era obviamente de natureza religiosa, e não política, ele exporia a questão aos peritos em teologia da cidade. “No dia seguinte, querendo certificar-se dos motivos por que vinha ele [Paulo] sendo acusado pelos judeus, soltou-o², e ordenou que se reunissem³ os principais sacerdotes⁴ e todo o Sinédrio⁵, e,

¹As mesmas palavras básicas encontram-se em Lucas 13:34, 35. As palavras em Mateus 23 podem ter sido ditas numa ocasião diferente. ²Uma vez que Paulo continuou sendo prisioneiro, isso não significa que o comandante o livrou da custódia. Provavelmente, significa apenas que ele o deixou sair do cárcere. ³O Sinédrio reunia-se sob o auspício de Roma. Portanto, o comandante de Roma tinha o direito de ordenar que se reunissem. ⁴Veja as observações sobre “principais sacerdotes”, na lição “Esqueça-se de Si Mesmo”. ⁵Veja “Sinédrio”, no Glossário”.

mandando trazer Paulo⁶, apresentou-o perante eles⁷” (22:30).

O corpo de Paulo sem dúvida ardia em dor devido ao espancamento do dia anterior no pátio do templo, mas ele ficou em pé diante do supremo tribunal do povo judeu. Ficou onde Pedro, João e os outros apóstolos haviam ficado; onde Estêvão ficou; onde seu Senhor tinha ficado. Anos atrás, Paulo se sentara com o Sinédrio⁸; agora ele estava diante deles, experimentando os olhares frios e os rostos fechados. Alguns daqueles rostos ele reconhecia⁹; muitos, não.

Finalmente, Paulo recebeu permissão para falar¹⁰. Quando ele falou à multidão, obteve a atenção deles com um sinal feito com as mãos (21:40); agora, olhou intensamente para o Sinédrio (23:1a) até que a assembléia ficasse em silêncio e todos os olhares fitos nele¹¹. Então, disse com intrepidez: “Varões, irmãos¹², tenho andado¹³ diante de Deus com toda a boa consciência até ao dia de hoje” (23:1b)¹⁴. Em outras palavras: “Meu coração sabe que não sou culpado das coisas de que tenho sido acusado. Apresento-me perante vocês como inocente de todas as acusações!¹⁵”

O sumo sacerdote que presidia essas reuniões reagiu às palavras audaciosas de Paulo ordenando “que lhe batessem na boca” (23:2b) — tanto para castigá-lo quanto para fazê-lo calar¹⁶. O nome do sumo sacerdote era Ananias (23:2a)¹⁷ — segundo historiadores, um dos homens mais impiedosos e inescrupulosos a assumir tal cargo¹⁸. Era “notoriamente um glutão, ladrão, extorsionário e um traidor no serviço romano”¹⁹.

A selvagem bofetada não calou o apóstolo. Com sangue escorrendo pelo rosto, ele arremeteu o troco: “Deus há de ferir-te, parede branqueada! Tu estás aí sentado para julgar-me segundo a lei e, contra a lei, mandas agredir-me?” (23:3). A lei era clara ao determinar que ninguém poderia ser castigado sem ser antes julgado e considerado culpado (Levítico 19:15; Deuteronômio 25:1, 2)²⁰. Até a lei oral dizia: “Quem fere a face de um israelita agride, igualmente, a glória de Deus”²¹.

A referência de Paulo a uma “parede branqueada” era conhecida dos seus ouvintes. O profeta Ezequiel havia comparado os falsos profetas a paredes deterioradas que haviam sido caídas para cobrir suas rachaduras (Ezequiel 13:10–16). Paulo acusou seu torturador de hipó-

⁶O Forte Antônia era mais elevado do que o complexo do templo e seu acesso era através de uma escadaria pelo pátio dos gentios (observe 21:31, 35, 40). Paulo foi levado escadaria abaixo. ⁷Não se sabe se foi uma reunião oficial do Sinédrio ou uma reunião não oficial, nem se foi no lugar de sempre ou em outra localidade. Observe que o comandante permaneceu na reunião (23:10). O comandante era responsável pela segurança de Paulo e por não deixá-lo escapar (12:18, 19; 16:27). Como o comandante estava presente, sabemos que a reunião não foi na parte sagrada do templo. ⁸Quer Paulo fosse membro do Sinédrio quer não, parece que esteve presente no julgamento de Estêvão. Veja os comentários sobre 7:54–60 na lição “Pelo que Você Morreria?”. ⁹Alguns que estiveram no Sinédrio vinte e quatro anos ou mais atrás ainda estavam vivos. Também, alguns dos rapazes judeus que foram seus assistentes tinham sido escolhidos para o Sinédrio dessa vez. ¹⁰Durante um julgamento formal perante o Sinédrio, uma das primeiras ordens do protocolo era a leitura das acusações contra o acusado. Isso não foi feito nos julgamentos de Jesus e dos apóstolos, porque o Sinédrio não tinha acusações para apresentar. Esperaram que as palavras dos acusados lhes proovesse tais acusações formais. Provavelmente, também foi assim no julgamento de Paulo, permitiram que ele falasse primeiro para que se condenasse com o próprio discurso. Aparentemente, a acusação de que ele tinha profanado o templo (21:28) não foi trazida à tona, o que indica que eles viram sua inconsistência. ¹¹Essa é uma maneira eficaz de obter a atenção de uma multidão barulhenta. Outras razões já foram apresentadas para o olhar intenso de Paulo, incluindo “tirar uma impressão da multidão”, isto é, ver se conhecia alguns deles, ver quem parecia favorável, etc. Alguns até sugerem que tais palavras simplesmente indicam uma visão míope. ¹²Mais uma vez, Paulo começou identificando-se com seus ouvintes judeus. Alguns sugerem que foi um insulto ao Sinédrio não dirigir-se primeiramente aos seus membros, mas sim aos “irmãos e pais” (veja 7:2), mas é improvável que Paulo semeasse o desprezo imediato desse grupo em cujas mãos estava a sua vida. ¹³O grego traduzido aqui por “tenho andado” é a palavra de onde provem “política”. Refere-se a “viver como um cidadão”. Paulo estava dizendo que ele havia vivido como um bom cidadão judeu, sem desobedecer à lei. ¹⁴Veja também 24:16; 2 Coríntios 1:12; 1 Timóteo 3:9. Paulo, obviamente, não estava dizendo que não tinha pecado. A consciência guia corretamente somente até o ponto em que está corretamente guiada — em outras palavras, até o ponto em que foi corretamente ensinada. Veja o artigo especial “A Consciência”. Paulo estava simplesmente dizendo que ele sempre vivera de acordo com o que *pensava* ser o certo. Mesmo quando perseguia os cristãos, Paulo pensava que estava prestando um serviço a Deus (26:9). Este é um excelente versículo para estabelecer que “viver de acordo com a consciência” não é o bastante para agradar a Deus. ¹⁵Uma sugestão é que Paulo retomou o discurso onde foi interrompido um dia antes. É certamente possível que alguns membros do Sinédrio tivessem ouvido o apóstolo falar à multidão. ¹⁶Era mais fácil para o sumo sacerdote esmurrar Paulo do que responder-lhe — pois ele não tinha acusação comprovada para levantar contra ele. Jesus também foi esbofetado na boca durante Seus julgamentos (João 18:22). ¹⁷Não deve ser confundido com “Anás, o sumo sacerdote” mencionado em 4:6 nem é um dos Ananias encontrados antes em Atos (5:1; 9:10). ¹⁸Ele roubava os dízimos de seus próprios sacerdotes para se enriquecer e mandava matar pessoas para manter-se no poder. ¹⁹William Barclay, *The Acts of the Apostles* (“Os Atos dos Apóstolos”), The Daily Study Bible Series, ed. rev. Filadélfia: Westminster Press, 1976, p. 164. ²⁰Hebreus 5:1, 2 fala como o sumo sacerdote deveria proceder. ²¹Barclay, p. 164.

crita²²! (A predição do apóstolo de que Deus feriria Ananias devido à sua crueldade tornou-se realidade em menos de dez anos, quando o sumo sacerdote foi assassinado em 66 d.C. pelos judeus zelotes por causa de seus conceitos pró-romanos.²³)

A assembléia ficou espantada com as palavras incisivas de Paulo. “Estás injuriando o sumo sacerdote de Deus?” (23:4), perguntaram. Paulo recuou: “Não sabia, irmãos, que ele é sumo sacerdote; porque está escrito: Não falarás mal de uma autoridade do teu povo” (Atos 23:5). A citação era de Êxodo 22:28. Mais uma vez Paulo estava demonstrando que, em vez de falar contra a lei (Atos 21:28), ele tinha um profundo respeito por ela.

Os estudiosos perscrutam duas perguntas. A primeira é: como Paulo não sabia que estava falando com o sumo sacerdote? Alguns sugerem que a visão do apóstolo não era das melhores (observe Gálatas 4:15; 6:11). Outros pensam que, devido à reunião ter sido convocada pelo governo romano, Ananias não estava sentado no lugar de costume, nem usava suas vestes sacerdotais. Outros estão convencidos de que, como Paulo estivera em Jerusalém apenas algumas vezes nas duas décadas anteriores, ele não conhecia o sumo sacerdote pessoalmente²⁴.

A segunda pergunta está intimamente ligada à primeira: Paulo realmente estava pedindo desculpas ou falava ironicamente? Os que acreditam que ele falava com ironia insistem que ele estava dizendo: “Não reconheço Ananias como sumo sacerdote, pois um verdadeiro sumo sacerdote não procederá assim!” Pessoalmente, considero as palavras de Paulo assim como elas se apresentam. Um princípio básico da interpretação bíblica é que as palavras devem ser entendidas conforme o seu significado mais óbvio, a menos que haja

uma razão convincente contrária a isso — não conheço nenhuma razão convincente para não atribuir à palavra de Paulo um significado natural, normal e comum²⁵. A citação que Paulo fez de Êxodo combina melhor com uma desculpa do que com uma ironia.

Creio que Lucas estava simplesmente revelando a humanidade de Paulo. Certamente, vez ou outra, todos nós somos pegos de calças curtas pela impiedade de outros e, em vez de voltarmos a outra face (Mateus 5:39), pagamos o mal com o mal. Ademais, acredito que Paulo estava genuinamente arrependido ao dar conta do que fizera, e que seu pedido de desculpas era sincero. Nisto, ele é um exemplo para todos nós. Obviamente, pode-se observar que Paulo não disse que não havia falado a verdade (suas palavras estavam cem por cento corretas), mas que estava errado em maldizer uma pessoa considerada um líder de Deus. Mesmo quando não podemos respeitar a pessoa, temos de respeitar a posição que ela ocupa.

Uma vez que Paulo estivera intimamente ligado ao Sinédrio, talvez ele realmente pensasse que poderia ser ouvido por eles de modo justo. O gosto salgado de sangue em sua boca, o ódio estampado no rosto do sumo sacerdote²⁶ e a crescente animosidade da assembléia apagaram tal pensamento de sua mente. Agora, sua maior preocupação era sair do Sinédrio vivo.

Paulo conhecia bem os integrantes do Sinédrio. Os saduceus eram a maioria, mas muitos fariseus também estavam presentes — uma minoria eloqüente. Paulo também conhecia bem as diferenças doutrinárias entre as duas seitas. Entre várias diferenças havia três muito importantes: “Pois os saduceus declaram não haver ressurreição²⁷, nem anjo, nem espírito; ao passo que os fariseus admitem todas essas coisas” (23:8)²⁸. Conseqüentemente, “sabendo Paulo que

²²Compare essa afirmação com a de Jesus chamando os fariseus de “túmulos caídos” (Mateus 23:27). ²³Isso significa que Paulo falou a primeira parte do v. 3 por inspiração? Se, mais tarde, ele se desculpou pela última parte do v. 3, é difícil saber qual parte da afirmação era inspirada e qual parte não era. Provavelmente, Paulo estava simplesmente entoando a verdade geral de que os que desobedecem a Deus, no final, serão castigados por Deus, uma verdade familiar a todos que conhecem as Escrituras. ²⁴Não sabemos qual seja a explicação. Qualquer um desses fatores, ou todos, pode estar envolvidos e talvez outros que desconhecamos. Outra sugestão é que Paulo estivesse olhando para outra direção quando o sumo sacerdote falou, de modo que não sabia quem havia dado a ordem. Por outro lado, como ele dirigiu as palavras a quem dera a ordem, esta explicação parece improvável. Veja o próximo parágrafo para outra possibilidade — que Paulo reconheceu Ananias mas não o reconhecia como sumo sacerdote. ²⁵Quanto à idéia de que Ananias não era um sumo sacerdote digno e que Paulo, portanto, recusou-se a aceitá-lo como tal, lembre-se de que houve muitos sumos sacerdotes indignos antes dele. Quando Deus diz para respeitarmos uma posição, a dignidade da pessoa que ocupa a posição não está em questão. ²⁶Esse ódio é visto pela maneira como o sumo sacerdote continuou a persegui-lo até em Cesaréia (24:1; veja também 25:2, 3). ²⁷Veja Lucas 20:27. ²⁸Veja “Fariseus” e “Saduceus”, no Glossário.

uma parte do Sinédrio²⁹ se compunha de saduceus e outra, de fariseus, exclamou: Varões, irmãos, eu sou fariseu³⁰, filho de fariseus³¹! No tocante à esperança e à ressurreição dos mortos sou julgado!³² (23:6).

Paulo não fora acusado por pregar a ressurreição de Cristo (21:28), mas ele sabia que os líderes dos judeus de fato odiavam os cristãos porque estes pregavam que Jesus havia ressuscitado dos mortos (observe 4:2). Quando Paulo disse que estava sendo julgado “no tocante à esperança e à ressurreição dos mortos”, ele estava pondo às claras a verdadeira questão. Em todos os seus julgamentos, ele insistia que as acusações contra ele eram inventadas e que a verdadeira questão era a ressurreição (observe 24:21; 26:6–8, 21–23; 28:20).

Será que Paulo previu a explosão que suas palavras causariam? Não sabemos³³, mas...

Ditas estas palavras, levantou-se grande dissensão entre fariseus e saduceus, e a multidão se dividiu. Houve, pois, grande vozeria. E, levantando-se alguns escribas da parte dos fariseus, contendiam, dizendo: Não achamos neste homem mal algum; e será que algum espírito ou anjo lhe tenha falado?³⁴ (23:7–9).

A afirmação dos fariseus não indica tanto seu *favoritismo* por Paulo quanto sua *oposição* aos saduceus — e estavam ansiosos por uma oportunidade para provocá-los. As palavras de Paulo tiveram o mesmo efeito que a atitude de um homem que vira duas feras de frente uma para outra para que estas não o devorem³⁵.

Novamente, aquele corpo de personalidades majestosas entrou em confusão (veja 7:54–58). Posso ver aqueles judeus avançados na idade, em suas vestes resplandecentes, gritando uns com os outros, enquanto os oficiais romanos

contemplavam tudo perplexos. No centro da tempestade estava Paulo. De um lado, os saduceus, agarrando-o com olhares assassinos. Do outro lado, estavam os fariseus, tentando arrancá-lo do outro grupo.

Pela terceira vez, o oficial romano teve de interceder para salvar-lhe a vida. “Tomando vulto a celeuma, temendo o comandante que fosse Paulo espedaçado por eles” (23:10a). Rapidamente, mandou chamar reforços, ordenando “a guarda para que o retirassem dali e o levassem para a fortaleza” (23:10b).

UMA CONSOLAÇÃO DIVINA (23:11)

Naquela noite em sua cela solitária, Paulo ficou desanimado e sem alento. Era como se o seu ministério ativo tivesse acabado e ele jamais fosse conseguir chegar a Roma. Todavia, ele não havia sido abandonado. “O Senhor, pondo-se ao lado dele, disse: Coragem! Pois do modo por que deste testemunho a meu respeito em Jerusalém, assim importa que também o faças em Roma” (v. 11). Antes de estudarmos esse milagre com detalhes, vejamos brevemente um último exemplo da rejeição a Paulo em Jerusalém.

UMA CONSPIRAÇÃO DETERMINADA (23:12–15)

Lemos em 23:12–15:

Quando amanheceu, os judeus se reuniram e, sob anátema, juraram que não haviam de comer, nem beber, enquanto não matassem Paulo. Eram mais de quarenta os que entraram nesta conspirata. Estes, indo ter com os principais sacerdotes e os anciãos, disseram: Juramos, sob pena de anátema, não comer coisa alguma, enquanto não matarmos Paulo. Agora, pois, notificai ao comandante, juntamente com o Sinédrio, que vo-lo apresente como se estivésseis para investigar mais acuradamente a sua

²⁹O fato de Paulo ter de gritar indica que a assembléia estava ficando barulhenta. Talvez estivessem na iminência de atacá-lo. ³⁰Alguns fazem objeção às palavras de Paulo: “Sou fariseu”. Lembre-se de que: 1) Paulo estava se referindo ao que era elogiável na posição dos fariseus; certamente ele não estava se referindo aos abusos farisaicos condenados por Jesus. 2) Estava enfatizando a maneira como foi criado (26:5). Para Paulo, sua infância e formação farisaicas eram algo que ficara para trás (Filipenses 3:1–11), mas eram uma parte explícita do seu passado. (Refiro-me a mim mesmo como um “okie” [Oklahoma], embora eu more ali há somente alguns anos.) ³¹A expressão “filho de fariseus” pode significar que os antepassados de Paulo eram fariseus, ou que ele simbolizava tudo o que a palavra “fariseu” implicava. ³²A expressão “a esperança e a ressurreição dos mortos” é uma tradução literal do original, *significa* “a esperança da [ou, na] ressurreição dos mortos” (veja NVI). ³³Alguns sugerem que Paulo estivesse apenas tentando puxar os fariseus para o seu lado num esforço para ser devidamente ouvido a respeito da ressurreição de Jesus. Provavelmente, o que aconteceu foi o que Paulo pretendia, mas não sabemos com certeza. De qualquer forma, Deus usou o acontecido para preservar a vida de Paulo. ³⁴Os fariseus tinham suas próprias queixas contra Paulo, mas “não acharam mal algum” na sua afirmação acerca da ressurreição ou mesmo na possibilidade dele ter recebido uma visão celestial. No final do v. 9, a ERC acrescenta: “não resistamos a Deus”. Estas palavras não se encontram nos melhores manuscritos. Provavelmente são um reflexo de outras palavras anteriormente ditas pelos fariseus (5:39). ³⁵Essa idéia foi adaptada de J.W. McGarvey, *New Commentary on Acts of Apostles* (“Novo Comentário de Atos de Apóstolos”), vol. 2. Delight, Ark.: Gospel Light Publishing Co., s.d., p. 226.

causa; e nós, antes que ele chegue, estaremos prontos para assassiná-lo.

O versículo 20 observa que os líderes do Sinédrio concordaram com essa conspiração assassina. Temos de concordar com Warren Wiersbe, que disse: “Com certeza, Jerusalém estava longe de Deus quando mais de quarenta homens, em nome da religião, puderam conspirar o assassinato de um judeu piedoso” e quando “até o principal dos sacerdotes e os anciãos participavam do crime!”³⁶ Por todos os capítulos 21 e 23 há um contraste total entre o comandante romano pagão, Cláudio Lísias, que tentou descobrir a verdade e os líderes religiosos judeus, que agiam ardilosa e destrutivamente.

Mais tarde, veremos como Paulo escapou dessa armadilha, mas, por ora, enfatizemos que os líderes judeus de Jerusalém provaram de uma vez por todas que seus corações não poderiam ser tocados pelo evangelho. Julgaram-se indignos da vida eterna (veja 13:46).

CONCLUSÃO

Jesus previu a rejeição final da parte de Jerusalém e as últimas conseqüências. Como castigo pelos seus pecados, Jerusalém seria destruída pelos romanos (Lucas 21:20); Jerusalém deixaria de fazer parte do plano eterno de Deus. Disse Jesus à mulher samaritana, junto à fonte: “...a hora vem, quando nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai” (João 4:21). Hoje, em vez de buscarmos a cidade terrena de Jerusalém, vamos “ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial...” (Hebreus 12:22), em outras palavras, ao trono de Deus, onde Jesus reina agora.

Podemos extrair uma série de verdades desta lição. Uma verdade é que nossos amigos premile-

naristas estão errados quando ensinam que Jerusalém ainda tem um lugar nos planos cósmicos de Deus e que um dia será novamente o centro da religião de Deus. Em nível mais pessoal, porém, é verdade que, se persistirmos em rejeitar a Deus, em algum momento, Ele nos rejeitará — completa e finalmente. O homem mais sábio da Bíblia disse: “O homem que muitas vezes repreendido endurece a cerviz será quebrantado de repente sem que haja cura” (Provérbios 29:1)³⁷. Quando Deus lhe dá oportunidade de ouvir e obedecer ao evangelho, você pode aceitar ou rejeitar essa oportunidade. Aceitar o caminho de Deus traz libertação e deleite; rejeitá-lo resulta em perigo e catástrofe. Continuar rejeitando o caminho de Deus é zombar dEle e Deus não permite que zombem dEle (Gálatas 6:7)! Por isso suplico-lhe: se você tem rejeitado a Deus e ao plano dEle para a sua vida, não O rejeite mais! ❖

UMA CRONOLOGIA SUGESTIVA DA VIDA DE PAULO

Data	Acontecimento	Capítulo de Atos
1 d.C.(?)	Nascimento	—
34	Conversão	9
46–48	1ª. viagem missionária	13–14
49	A reunião em Jerusalém	15
49–52	2ª. viagem missionária	16–18
53–57	3ª. viagem missionária	19–21
57	Prisão em Jerusalém	21–22
57–60	Encarcerado em Cesaréia	23–26
60	Viagem a Roma	27–28
61–63	1ª. prisão em Roma	28
66–67	2ª. prisão em Roma	—
67	Morte	—

³⁶Wiersbe, p. 343. ³⁷Veja também Provérbios 6:12–15; Romanos 1:24, 26, 28 e Hebreus 6:6.

Autor: *David Roper*

Série: *Atos*

©Copyright 2002, 2003 by A Verdade para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS